Paulito Dagen Roer
O ÂNGULO DA LUZ
Deriva do Quase

O ÂNGULO DA LUZ

Deriva do Quase

PAULITO DAGEN ROER

BARRETOS

julho de 2026

Só voltava a existir quando a luz encontrava o ângulo exato.

Prólogo] [

Há manhãs em que o mundo parece inteiramente disponível.

As árvores ocupam seus lugares. As pedras permanecem onde sempre estiveram. O vento atravessa o mesmo espaço de ontem. Nada anuncia que alguma coisa esteja prestes a acontecer.

Mesmo assim, acontece.

Não porque o mundo tenha mudado.

Mas porque a luz mudou de lugar.

Há instantes em que uma presença, silenciosa desde sempre, deixa de atravessar o invisível e aceita, por um breve momento, ser vista. Não dura. Logo desaparece outra vez. Quem chega depois acredita que nunca existiu.

Talvez seja esse o destino de certas coisas: não permanecer, mas aparecer.

Este livro nasceu desses aparecimentos.

Não procura reunir certezas nem oferecer respostas. Caminha devagar entre aquilo que insiste em escapar e aquilo que, por um instante, aceita permanecer diante do olhar. Algumas páginas talvez pareçam apenas descrever pequenas ocorrências. Um galho. Um reflexo. Uma folha

que atravessa o ar. Um silêncio. Mas é justamente nas menores alterações da luz que o mundo costuma revelar a arquitetura que sustenta sua delicadeza.

Nada do que será encontrado aqui pede concordância.

Pede apenas tempo.

Porque certas presenças não esperam por quem procura depressa.

Elas aguardam, discretamente, o instante exato em que a luz encontra seu ângulo.

SUMÁRIO

ATA I ..... pág. 1
ATA II. ..... pág. 3
ATA III.....pág. 7
ATA IV. ..... pág. 9
ATA V.....pág. 11
ATA VI .....pág. 13
ATA VII..... pág. 15
ATA VIII ..... pág. 17
ATA IX..... pág. 19
ATA X..... pág. 21
DERIVAS..... pág. 27
EPÍLOGO.....pág. 151

ATA I

A recorrência silenciosa de alguns caminhos

Não sei dizer quando comecei a reparar nisso.

Durante muito tempo imaginei que algumas escolhas apenas se repetiam. Assim acontece com a vida.

Os dias voltam.

Os lugares voltam.

As palavras voltam.

Não havia motivo para estranhar.

Ainda assim, uma pequena dificuldade começou a aparecer.

Ela não estava nas grandes decisões.

Também não surgia nos acontecimentos extraordinários.

Aparecia nas coisas quase imperceptíveis.

Havia maneiras de começar uma frase.

Maneiras de olhar uma paisagem.

Maneiras de interromper um pensamento.

Sem perceber, eu voltava a elas.

No início atribuí essa recorrência ao costume.

Depois ao acaso.

Nenhuma dessas explicações permanecia por muito tempo.

Ainda assim, algo continuava escapando.

Não era a repetição que me intrigava.

Era sua delicadeza.

Ela chegava antes que eu a percebesse.

Quando finalmente a notava, o caminho já parecia discretamente organizado.

Passei algum tempo acreditando que isso dizia respeito apenas a mim.

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Talvez toda aproximação comece assim.

Não como uma decisão.

Mas como uma direção que, por um instante, parece não pedir para ser observada.

ATA II

As perguntas também chegam por algum caminho

Durante algum tempo permaneci junto daquela recorrência.

Não esperava encontrar nada.

Talvez apenas imaginasse que, insistindo o suficiente, ela acabaria desaparecendo.

Não desapareceu.

Ao contrário.

Depois de algum tempo outra estranheza começou a aparecer.

As perguntas não surgiam de qualquer maneira.

Algumas retornavam.

Outras jamais chegavam.

Durante muito tempo acreditei que perguntava aquilo que desejava perguntar.

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Havia perguntas que pareciam encontrar-me antes que eu as procurasse.

Outras permaneciam numa região que eu não saberia nomear.

Não estavam esquecidas.

Também não estavam escondidas.

Simplesmente não aconteciam.

Foi então que uma ideia até então evidente começou a perder sua tranquilidade.

Talvez eu nunca tivesse começado exatamente do ponto em que imaginava.

Talvez cada pergunta apenas chegasse por um caminho que eu ainda não percebia.

Não sei por quem.

Nem por quê.

Apenas comecei a reparar que nem todas as perguntas pareciam nascer do mesmo lugar.

Algumas se aproximavam quase sem esforço.

Outras permaneciam em silêncio por mais tempo.

Não sei por quê.] [

Foi então que deixei de observar apenas as respostas.

Passei a prestar atenção ao modo como uma pergunta conseguia nascer.

ATA III

O que primeiro se torna visível

A recorrência já não me parecia um acaso.

As perguntas também haviam deixado de chegar de qualquer maneira.

Mesmo assim, continuava sem saber o que exatamente estava observando.

Foi então que uma pequena diferença começou a aparecer.

Algumas coisas apareciam imediatamente.

Outras pareciam esperar.

Não porque fossem mais difíceis.

Nem porque estivessem escondidas.

Apenas não chegavam do mesmo modo.

Durante muito tempo imaginei que via aquilo que estava diante de mim.

Não sei por quê.] [

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Passei a imaginar que ver talvez também tivesse uma

história.

Não a história das coisas.

A história do próprio olhar.

Era como se certas aproximações encontrassem meu olhar antes das outras.

Não sei por quê.

Nem sei se sempre foi assim.

Apenas comecei a desconfiar de que aquilo que primeiro se tornava visível acabava parecendo mais natural do que realmente era.

Foi nesse momento que a palavra "escolha" começou a perder um pouco de sua tranquilidade.

Não porque eu deixasse de escolher.

Mas porque já não conseguia ignorar que algumas possibilidades pareciam chegar antes das outras.

Passei a desconfiar da facilidade.

ATA IV

O que permanece na penumbra

Depois daquela suspeita, passei algum tempo acreditando que bastaria olhar com mais atenção.

Não bastou.

A atenção não modificava aquilo que aparecia.

Modificava outra coisa.

Comecei a perceber que certos caminhos se ofereciam antes mesmo de qualquer decisão.

Não chegavam como ordens.

Também não pareciam escolhas.

Apenas estavam mais próximos.

Outros permaneciam discretamente afastados.

Não porque fossem impossíveis.

Talvez apenas aguardassem um tempo que eu ainda não sabia reconhecer.

Foi então que uma pequena dúvida começou a acompanhar meu olhar.

Quando alguma coisa se tornava imediatamente evidente, eu já não conseguia recebê-la com a mesma tranquilidade.

Não porque estivesse errada.

Mas porque sua facilidade também passou a fazer parte daquilo que eu observava.

Outras vezes permanecia diante de uma possibilidade sem me aproximar dela.

Não havia recusa.

Também não havia medo.

Apenas uma distância difícil de nomear.

Não sei por quê. *] [*

Passei a desconfiar menos das coisas.

E mais da facilidade com que algumas delas chegavam até mim.

Talvez eu ainda não saiba permanecer tempo suficiente diante dele.

Talvez apenas ainda não tenha encontrado a luz que o torna visível.

ATA V

A antecipação do gesto

Durante algum tempo imaginei que minhas escolhas começavam no instante em que eu as reconhecia.

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Às vezes uma palavra chegava antes de qualquer intenção.

Outras vezes um caminho parecia pronto antes mesmo do primeiro passo.

Não havia estranheza nisso.

Havia apenas uma familiaridade tão discreta que quase passava despercebida.

Foi então que meus próprios gestos começaram a chamar minha atenção.

Não para corrigi-los.

Nem para descobrir algum erro.

Apenas para acompanhá-los um pouco mais de perto.

Foi assim que uma pequena antecipação começou a aparecer.

A mão já escrevia.

O olhar já havia escolhido.

A frase parecia conhecer um destino que eu ainda ignorava.

Não sei por quê.] [

Talvez seja por isso que algumas palavras soem inevitáveis.

Não porque sejam as únicas.

Mas porque chegaram primeiro.

Passei então a permanecer um pouco mais diante dessa primeira chegada.

Não para recusá-la.

Apenas para ver se outra também desejava aproximar-se.

ATA VI

A demora

Durante muito tempo imaginei que a rapidez fosse um sinal de certeza.

Quando uma resposta surgia imediatamente, eu a recebia com certa confiança.

Parecia natural.

Hoje já não sei.

Comecei a notar que algumas respostas chegavam antes mesmo da pergunta terminar de acontecer.

Não pareciam falsas.

Também não pareciam verdadeiras.

Apenas chegavam cedo.

Não sei por quê.] [

Foi então que experimentei uma pequena demora.

Não para pensar melhor.

Nem para desconfiar de tudo.

Apenas para não interromper aquilo que ainda procurava

nascer.

Aos poucos comecei a perceber que a espera também modifica o olhar.

Algumas certezas permanecem.

Outras desaparecem sem fazer ruído.

Como a névoa das primeiras horas da manhã.

Ela não abandona a paisagem.

Apenas deixa de ocupá-la.

Os caminhos não surgem naquele instante.

Sempre estiveram ali.

Talvez a demora não produza descobertas.

Talvez apenas permita que algumas delas encontrem o momento de se aproximar.

ATA VII

A urgência

Comecei a perceber que nem toda rapidez pertence ao mundo.

Parte dela já habitava meu próprio olhar.

Durante muito tempo imaginei que responder imediatamente fosse uma forma de estar presente.

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Há respostas que chegam cedo demais.

Há gestos que atravessam o dia sem encontrar a própria experiência.

Não sei por quê.] [

Foi então que a urgência começou a me parecer diferente.

Ela não fazia barulho.

Também não exigia nada.

Apenas encurtava o intervalo.

Quase sem perceber, deixava de olhar para responder.

Deixava de escutar para falar.

Deixava de permanecer para seguir adiante.

Talvez seja assim que algumas coisas deixem de aparecer.

Não porque tenham ido embora.

Mas porque já não lhes concedo o tempo necessário para aparecer.

A demora nunca interrompeu o movimento.

Apenas devolveu espessura ao caminho.

ATA VIII

O que ainda pode acontecer

Durante muito tempo imaginei que uma descoberta acontecia quando finalmente encontrava uma resposta.

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Algumas das experiências que mais permaneceram comigo nunca chegaram como conclusões.

Chegaram como pequenas interrupções.

Algo deixava de coincidir.

Uma palavra já não ocupava o mesmo lugar.

Um gesto demorava um pouco mais.

Uma paisagem parecia diferente sem que nada nela tivesse mudado.

Não sei por quê.] [

Foi então que outra suspeita começou a aparecer.

Talvez eu esperasse demais das respostas.

Talvez aquilo que mudava nunca estivesse nelas.

Talvez ela acontecesse naquele pequeno instante em que já

não consigo continuar olhando exatamente como antes.

Nada me pede para mudar.

Mesmo assim, alguma coisa já não retorna ao lugar que ocupava.

Talvez seja isso que uma descoberta deixa depois de passar.

Não uma certeza.

Uma disponibilidade.

ATA IX

O repouso das descobertas

Durante algum tempo imaginei que uma descoberta bastava.

Quando alguma coisa finalmente se tornava clara, havia um breve alívio.

Como se, por alguns instantes, o caminho deixasse de pedir minha atenção.

Depois de algum tempo outra coisa começou a aparecer.

Aquilo que um dia me abriu também começava, lentamente, a se acomodar.

Não porque estivesse errado.

Mas porque eu já sabia voltar até ele.

Sem perceber, uma descoberta podia transformar-se em hábito.

Não sei por quê.] [

Foi então que o repouso também começou a me parecer diferente.

Não do descanso.

Do repouso das ideias.

Há um instante em que elas deixam de caminhar comigo.

Continuam dizendo as mesmas palavras.

Mas já não provocam o mesmo deslocamento.

Talvez nenhuma descoberta permaneça viva por si mesma.

Talvez ela precise continuar encontrando novos olhares para não se transformar apenas numa lembrança de quando, um dia, me surpreendeu.

Foi nesse momento que uma pequena coisa deixou de parecer tão distante.

Talvez aquilo que permaneça vivo não seja a descoberta.

Talvez seja apenas a possibilidade de voltar a ser surpreendido.

] [

ATA X

O que continua

Durante muito tempo imaginei que uma descoberta mudava definitivamente aquilo que eu era.

Hoje já não tenho a mesma certeza.

Algumas mudaram.

Outras apenas permaneceram comigo durante algum tempo.

Sem perceber, também elas aprenderam a repousar.

Não sei por quê.] [

Foi então que deixei de esperar pelo instante extraordinário.

Comecei a reparar nas pequenas aproximações.

Naquilo que muda quase sem anunciar a própria mudança.

Uma pergunta voltava diferente.

Uma palavra demorava um pouco mais.

Uma paisagem devolvia um silêncio que eu ainda não

conhecia.

Nada parecia concluir o caminho.

Também nada o interrompia.

Talvez seja isso que permanece depois de toda descoberta.

Não uma resposta.

Nem uma ausência.

Apenas uma maneira diferente de continuar.

] [

DERIVAS

Naquela manhã a névoa demorou mais do que de costume.

Os telhados ainda estavam ali.

As árvores também.

O muro da esquina continuava exatamente onde sempre estivera.

Mesmo assim, ninguém atravessava a praça com a mesma segurança dos outros dias.

Não era medo.

Era uma delicadeza inesperada.

As pessoas caminhavam um pouco mais devagar.

Como se não quisessem perturbar aquilo que ainda não havia terminado de aparecer.

Um cachorro atravessou a rua sem hesitar.

Conhecia o caminho.

Os homens, não.

Permaneceram por alguns instantes olhando para uma paisagem que ainda não podia ser inteiramente vista.

Depois a luz começou seu trabalho silencioso.

Não retirou a névoa.

Apenas lhe devolveu outra forma.

Quando tudo voltou a ser visível, a praça parecia exatamente a mesma.

Ninguém comentou a diferença.

Talvez porque ela nunca tivesse acontecido na praça.

Talvez tivesse acontecido apenas no modo como, durante alguns minutos, todos aceitaram não saber exatamente onde estavam.

A padaria abria às seis.

Às seis e cinco o primeiro café já fumegava sobre o balcão.

Às seis e dez o jornaleiro entrava sem precisar pedir. O padeiro apenas apontava a xícara, e ela encontrava o lugar de sempre.

Durante anos ninguém reparou nisso.

Numa quarta-feira qualquer, o padeiro colocou a xícara alguns centímetros mais à esquerda.

Foi um gesto tão pequeno que ninguém comentou.

O jornaleiro estendeu a mão para o lugar antigo.

Encontrou apenas o mármore frio.

Sorriu discretamente, corrigiu o movimento e continuou a conversa como se nada tivesse acontecido.

Lá fora, o dia começava.

Dentro da padaria, tudo permanecia igual.

Os mesmos pães.

O mesmo cheiro.

As mesmas vozes.

Mesmo assim, durante o restante da manhã, o jornaleiro

levou a xícara à boca com uma atenção que havia muito tempo não conhecia.

Talvez algumas mudanças não precisem alterar o mundo.

Talvez lhes baste deslocar, quase imperceptivelmente, o lugar onde a mão esperava encontrar as coisas.

Uma criança costumava acompanhar o avô até a pequena oficina nos fundos da casa.

Enquanto o velho trabalhava, ela recolhia parafusos, porcas e pequenos pedaços de madeira que encontrava pelo chão.

Não construía nada.

Apenas juntava.

No fim da manhã, colocava tudo dentro de uma lata enferrujada e a guardava na mesma prateleira.

Anos depois, já adulta, voltou àquela oficina.

O banco permanecia no mesmo lugar.

As ferramentas ainda pendiam da parede.

A lata também.

Ao abri-la, encontrou os mesmos parafusos, as mesmas porcas, os mesmos fragmentos de madeira.

Nenhum deles possuía qualquer valor.

Mesmo assim, demorou algum tempo antes de fechar a tampa.

Havia objetos que nunca chegaram a servir para coisa alguma.

Ainda assim, tinham atravessado o tempo.

Talvez porque alguém, um dia, não tivesse pressa de decidir para que eles existiam.

Ela recolocou a lata na prateleira.

Não levou nada consigo.

Ao sair, percebeu que algumas coisas permanecem menos pelo que são do que pelo espaço que lhes concedemos para continuar esperando.

Na biblioteca da cidade havia um livro que quase ninguém retirava.

Não era raro.

Também não estava escondido.

Apenas permanecia entre outros volumes que pareciam chamar mais atenção.

Um senhor o abria todas as quartas-feiras.

Nunca levava o livro para casa.

Sentava-se perto da janela, lia poucas páginas e o devolvia exatamente ao mesmo lugar.

Durante anos repetiu esse gesto.

Certa manhã, a bibliotecária perguntou se ele nunca pretendia terminar a leitura.

O homem sorriu como quem procura uma resposta antiga.

— Talvez eu já tenha terminado há muito tempo.

Ela não insistiu.

Na semana seguinte, encontrou o livro novamente na estante.

As páginas estavam no mesmo lugar.

O marcador permanecia imóvel.

Mesmo assim, havia qualquer coisa diferente.

Não no livro.

Nem no homem.

Talvez naquela breve conversa, que deixara de pertencer a um e passara a habitar silenciosamente os dois.

Desde então, sempre que recolocava um livro na estante, a bibliotecária demorava um instante a mais antes de afastar a mão.

Como se alguns livros não precisassem ser lidos para continuar abrindo alguma coisa.

Na estação rodoviária havia um banco de madeira que nunca permanecia vazio por muito tempo.

As pessoas sentavam-se enquanto aguardavam o próximo ônibus.

Consultavam o relógio.

O telefone.

O movimento da plataforma.

Depois partiam.

Numa tarde de inverno, um homem ocupou aquele banco e permaneceu ali mesmo depois que o ônibus chegou.

Outros passageiros embarcaram.

O apito soou.

As portas se fecharam.

O ônibus desapareceu lentamente na curva.

O homem continuou sentado.

Uma senhora que aguardava o ônibus seguinte aproximou-se e perguntou, quase por delicadeza, se ele havia perdido a viagem.

Ele olhou a rua já vazia.

— Não.

Apenas deixei este passar.

A senhora sorriu sem compreender completamente.

Sentou-se na outra extremidade do banco.

Durante alguns minutos, nenhum dos dois disse mais nada.

O silêncio não parecia esperar pela conversa.

Parecia bastar-se.

Quando o ônibus seguinte finalmente surgiu ao longe, ambos se levantaram quase ao mesmo tempo.

Cada um seguiu em uma direção diferente.

O banco permaneceu vazio por alguns instantes.

Talvez alguns lugares existam apenas para lembrar que nem toda partida precisa acontecer no primeiro ônibus que chega.

A chuva começou sem pressa.

Não caiu de uma vez.

Primeiro escureceu discretamente o chão junto ao meio-fio.

Depois desenhou pequenos círculos sobre a água parada na praça.

Só muito mais tarde alguém abriu um guarda-chuva.

Um menino permaneceu na calçada observando as primeiras gotas desaparecerem exatamente no lugar onde tocavam a pedra.

Parecia estranho.

A chuva chegava.

E, no mesmo instante, deixava de existir.

Estendeu a mão.

Uma gota pousou sobre sua palma.

Outra.

Depois outra.

Nenhuma permaneceu ali por mais de um segundo.

Mesmo assim, ele continuou com a mão aberta.

A mãe chamou duas vezes.

Ele respondeu que já ia.

Mas demorou um pouco mais.

Quando finalmente entrou em casa, fechou a porta sem dizer o que havia descoberto.

Talvez porque ainda não tivesse descoberto nada.

Na manhã seguinte, a calçada estava seca.

Os círculos haviam desaparecido.

A mão também já não guardava nenhuma gota.

Mesmo assim, durante muitos dias, sempre que começava a chover, ele abria a palma lentamente, como quem espera reencontrar uma pergunta que a água nunca consegue levar embora.

A costureira deixava sempre um pequeno pedaço de linha sobre a mesa depois de terminar cada vestido.

Não era descuido.

Também não servia para o trabalho seguinte.

Era apenas um fio de poucos centímetros que ela enrolava entre os dedos antes de colocá-lo ao lado da tesoura.

A neta perguntou certa vez por que ela nunca o jogava fora imediatamente.

A mulher sorriu.

Disse apenas que ainda não era hora.

Dias depois, quando a caixa de retalhos precisava de espaço, recolhia todos aqueles pequenos fios e os lançava ao jardim.

O vento fazia o resto.

Alguns desapareciam entre as folhas.

Outros prendiam-se aos galhos mais baixos.

Na primavera, um casal de joões-de-barro começou a construir um ninho perto da varanda.

A costureira passou a encontrá-los pousados junto ao arbusto onde costumava deixar os fios.

Sem fazer ruído, os pássaros levavam um de cada vez.

Ela nunca soube se algum deles fazia realmente diferença na estrutura do ninho.

Talvez não.

Mas gostava de pensar que certas sobras deixam de ser restos quando encontram, silenciosamente, outro começo.

Todas as tardes, pouco antes de fechar a loja, o relojoeiro colocava sobre o balcão um relógio que nunca conseguira consertar.

Não lhe faltavam peças.

Nem habilidade.

O mecanismo simplesmente recusava qualquer tentativa de voltar ao antigo movimento.

Mesmo assim, ele lhe dava corda todos os dias.

Aproximava-o do ouvido.

Esperava alguns segundos.

Depois tornava a guardá-lo na mesma gaveta.

Um rapaz que trabalhava na oficina perguntou, certa vez, por que insistia naquele relógio, se havia tantos outros esperando reparo.

O velho demorou um instante antes de responder.

— Há mecanismos que pedem solução. Outros pedem companhia.

O rapaz sorriu, sem saber exatamente o que fazer com aquela frase.

Nos dias seguintes, passou a observar o mestre em silêncio.

Percebeu que ele nunca parecia frustrado diante daquele relógio.

Apenas permanecia.

Como quem aceita que nem toda espera exista para produzir um resultado.

Na primavera seguinte, o velho já não abriu a oficina.

O rapaz assumiu o balcão.

Na primeira tarde em que fechou sozinho a porta, abriu a gaveta quase sem perceber.

Retirou o velho relógio.

Deu-lhe corda.

Aproximou-o do ouvido.

Não esperava que voltasse a funcionar.

Ainda assim, permaneceu alguns segundos escutando um silêncio que, pela primeira vez, já não lhe pareceu vazio.

Havia uma ponte de madeira sobre um riacho estreito.

Não era a mais curta.

Nem a mais bonita.

Mesmo assim, os moradores do lugar quase sempre escolhiam atravessá-la.

Um menino perguntou ao avô por que ninguém passava pelas pedras do leito, já que a água mal alcançava os tornozelos.

O velho olhou para o riacho antes de responder.

— Porque hoje a água está baixa.

Continuaram caminhando.

Ao chegarem ao outro lado, o menino voltou-se para observar a ponte.

Era simples.

Algumas tábuas rangiam.

Uma delas parecia ligeiramente torta.

Nada ali chamava a atenção.

Dias depois, uma chuva forte encheu o riacho.

As pedras desapareceram sob a correnteza.

A ponte permaneceu.

O menino atravessou segurando a mão do avô.

No meio do caminho, parou por um instante.

Olhou a água correr apressada sob seus pés.

Depois seguiu em silêncio.

Na volta para casa, compreendeu que certas construções parecem excessivas apenas enquanto o tempo permanece favorável.

Talvez seja por isso que algumas coisas atravessem tantos anos sem que ninguém lhes agradeça.

Só percebemos o que nos sustentava quando já não seria possível improvisar um caminho.

No quintal havia uma laranjeira antiga.

Todos os anos florescia na mesma época.

Todos os anos deixava cair algumas frutas antes de amadurecerem.

O dono da casa nunca se apressava em recolhê-las.

Permaneciam alguns dias sobre a terra.

As formigas passavam.

Os pássaros bicavam a casca.

O cheiro doce espalhava-se discretamente pelo ar.

Um vizinho comentou certa vez que era desperdício.

Aquelas laranjas ainda poderiam servir.

O homem apenas olhou para a árvore.

Não respondeu.

Na semana seguinte, novas frutas amadureceram nos galhos.

Foram colhidas.

As outras já quase haviam desaparecido entre as folhas secas do chão.

Na primavera seguinte, pequenas mudas começaram a

surgir ao redor do quintal.

Ninguém soube dizer de qual fruta tinham nascido.

O homem também não tentou descobrir.

Continuou cuidando da árvore como sempre fizera.

Talvez nem tudo o que cai aconteça para ser perdido.

Às vezes, o chão também trabalha em silêncio.

Havia um homem que caminhava todas as tardes pela mesma rua.

Nunca parecia apressado.

Também não caminhava devagar.

Mantinha um passo que não chamava a atenção de ninguém.

Os vizinhos acostumaram-se a vê-lo passar.

Cumprimentavam-no.

Voltavam aos seus afazeres.

Certa tarde, uma criança perguntou à mãe para onde aquele homem ia todos os dias.

Ela respondeu que não sabia.

Talvez nem ele soubesse.

Dias depois, a criança resolveu segui-lo à distância.

A rua terminava numa pequena colina de onde se via a cidade inteira.

O homem parou.

Permaneceu ali durante alguns minutos.

Não olhava para um lugar específico.

Também não parecia esperar alguém.

Apenas permanecia.

Quando o sol começou a descer atrás dos telhados, voltou pelo mesmo caminho.

A criança fez o mesmo.

Nunca contou a ninguém o que havia visto.

Anos mais tarde, já adulta, descobriu que também caminhava, às vezes, sem destino aparente.

Só então compreendeu que certos percursos não existem para nos levar a algum lugar.

Existem para que alguma coisa, dentro de nós, possa finalmente alcançar o próprio passo.

No mercado da cidade havia uma balança antiga.

Os ponteiros já não brilhavam.

A tinta dos números começava a desaparecer nas bordas.

Mesmo assim, ninguém pedia que fosse substituída.

O feirante colocava sobre ela tomates, batatas, laranjas, ervas.

Esperava o ponteiro encontrar seu lugar.

Só então retirava uma ou outra fruta até que o equilíbrio voltasse.

Um menino observava aquilo todas as manhãs de sábado.

Achava curioso que o homem nunca retirasse tudo de uma vez.

Fazia sempre pequenos movimentos.

Como se escutasse a balança antes de decidir.

Certa manhã perguntou por que demorava tanto.

O feirante sorriu.

Não respondeu imediatamente.

Apenas retirou uma única laranja.

O ponteiro parou exatamente no centro.

Então entregou a sacola ao freguês.

O menino continuou olhando para a balança já vazia.

Anos depois, quando precisou tomar uma decisão importante, lembrou-se daquele velho ponteiro procurando lentamente o repouso.

Talvez algumas escolhas não peçam mais força.

Peçam apenas um pequeno deslocamento, quase imperceptível, até que o mundo volte, silenciosamente, a encontrar seu equilíbrio.

Na praça havia um banco voltado para o nascente.

Não era o maior.

Nem o mais confortável.

Ainda assim, um senhor chegava antes do amanhecer e sentava-se sempre no mesmo lugar.

Nunca levava jornal.

Nem rádio.

Nem livro.

Apenas esperava.

Os primeiros corredores passavam por ele todos os dias.

Cumprimentavam-no.

Com o tempo, deixaram de estranhar sua presença.

Parecia fazer parte da própria praça.

Numa manhã de inverno, um rapaz aproximou-se e perguntou se ele esperava alguém.

O velho sorriu.

Olhou para a faixa clara que começava a romper o horizonte.

— Não.

Espero que o dia chegue sem que eu o tenha perdido.

O rapaz permaneceu ao seu lado.

Nenhum dos dois falou mais nada.

Quando o sol finalmente apareceu entre as árvores, a praça continuava exatamente a mesma.

Mesmo assim, as sombras haviam mudado de lugar.

Os dois se levantaram quase ao mesmo tempo.

Cada um seguiu seu caminho.

Talvez existam encontros que não acontecem entre pessoas.

Acontecem entre um instante e alguém que decidiu não chegar depois dele.

Uma professora de caligrafia começava todas as aulas da mesma maneira.

Antes de distribuir o papel, permanecia alguns instantes diante da lousa vazia.

Os alunos esperavam em silêncio.

Ninguém sabia exatamente o que ela fazia naquele breve intervalo.

Depois escrevia a primeira letra.

A.

Lenta.

Inteira.

Sem adornos.

Somente então entregava as folhas.

Um aluno perguntou por que não começava logo.

Ela respondeu que a mão chega antes quando os olhos ainda não chegaram.

O menino não compreendeu.

Continuou copiando as letras como sempre fizera.

Os anos passaram.

A escola fechou.

Os cadernos desapareceram.

Muito tempo depois, já adulto, precisou escrever uma carta que adiara por semanas.

Sentou-se diante da folha em branco.

A caneta permaneceu imóvel por alguns instantes.

Sem saber por quê, não teve pressa de escrever a primeira palavra.

Esperou.

Quando finalmente a tinta encontrou o papel, percebeu que aquela pequena demora não atrasara a carta.

Apenas permitira que a primeira frase chegasse sem precisar disputar lugar com todas as outras.

Talvez algumas palavras não peçam velocidade.

Peçam apenas um instante em que a mão aceite esperar pelo pensamento.

A historiadora ocupava uma pequena sala nos fundos do antigo casarão da prefeitura.

As estantes guardavam livros de capa gasta, mapas amarelados e fotografias cujos rostos já não encontravam facilmente um nome.

De tempos em tempos, alguém aparecia procurando a data de uma casa, o sobrenome de um bisavô ou a origem de uma rua.

Ela abria uma gaveta.

Depois outra.

Nem sempre encontrava o que buscavam.

Mesmo assim, ninguém saía dali com a impressão de ter perdido a viagem.

Numa tarde, um rapaz perguntou por que ela passava tantos anos cuidando de papéis que quase ninguém consultava.

A historiadora fechou lentamente o livro que tinha diante de si.

Olhou pela janela.

Do outro lado da praça, uma figueira projetava a mesma sombra que aparecia numa fotografia tirada muitas

décadas antes.

Sorriu discretamente.

— As cidades também esquecem.

O rapaz esperou que ela continuasse.

Mas ela permaneceu em silêncio.

Ao sair, ele atravessou a praça sem perceber que diminuíra o passo diante da velha figueira.

Talvez a história não exista apenas para recordar o que passou.

Talvez exista para impedir que o presente imagine ter começado sozinho.

Na pequena cidade do interior havia um sino que já não marcava as horas.

Continuava pendurado na torre da antiga igreja.

O bronze escurecera com os invernos.

As cordas haviam sido substituídas mais de uma vez.

Mesmo assim, o sino permanecia.

Um restaurador veio da capital para avaliar sua conservação.

Subiu os degraus estreitos da torre.

Anotou medidas.

Fotografou rachaduras.

Quando terminou, perguntou ao zelador por que a cidade insistia em conservar um sino que já não cumpria sua função.

O velho apoiou a mão sobre o bronze frio.

Demorou um pouco antes de responder.

— Porque ele ainda toca uma memória que o relógio não alcança.

O restaurador sorriu por delicadeza.

Guardou os instrumentos e desceu.

Na praça, crianças corriam entre os bancos.

Um casal atravessava a rua.

O comércio fechava lentamente as portas.

Nada parecia depender daquele sino silencioso.

Ainda assim, antes de entrar no carro, o restaurador voltou os olhos para a torre uma última vez.

Talvez algumas presenças continuem sustentando um lugar mesmo quando já deixaram de anunciar alguma coisa.

Havia um homem que restaurava fotografias antigas.

Sua oficina ocupava um pequeno cômodo nos fundos de uma casa, onde a luz da manhã entrava sempre pela mesma janela.

Sobre a mesa, rostos desbotados esperavam pacientemente.

Alguns chegavam rasgados.

Outros, cobertos por manchas que o tempo espalhara sem pedir licença.

Ele nunca começava o trabalho imediatamente.

Primeiro permanecia algum tempo olhando a fotografia em silêncio.

Como se esperasse que ela lhe dissesse o que ainda desejava conservar.

Uma estudante que fazia pesquisa sobre a cidade perguntou por que demorava tanto antes de tocar o papel.

Ele sorriu.

— Nem tudo o que desapareceu deseja voltar.

Ela permaneceu ao seu lado enquanto ele limpava cuidadosamente um pequeno retrato de família.

Pouco a pouco, uma criança reapareceu entre dois adultos.

Mais adiante, uma janela.

Depois o contorno de uma árvore.

O restaurador interrompeu o trabalho antes que a imagem parecesse completamente nova.

A estudante estranhou.

Disse que ainda havia marcas.

Ele passou os dedos levemente sobre a fotografia.

— Sim. São elas que lembram que o tempo também esteve aqui.

Ao sair da oficina, a jovem percebeu que nunca havia pensado na memória como algo que pudesse ser restaurado sem apagar suas cicatrizes.

Talvez conservar não seja devolver as coisas ao que foram.

Talvez seja permitir que continuem dizendo quem se tornaram.

No alto da serra havia um observatório desativado.

O telescópio permanecia coberto por um tecido escuro que já perdera a cor.

As portas continuavam abertas apenas porque um antigo funcionário aceitara cuidar do lugar depois da aposentadoria.

Pouca gente subia até lá.

Às vezes aparecia algum estudante.

Às vezes um casal atraído pela vista.

O velho os recebia com a mesma tranquilidade.

Mostrava as salas.

Contava pouco.

Numa tarde, uma menina perguntou se ele não sentia falta de observar as estrelas.

Ele caminhou até a cúpula.

Afastou lentamente o pano que cobria o telescópio.

A lente ainda refletia um pedaço do céu.

— Sinto.

Mas aprendi que o céu nunca deixou de olhar para nós.

A menina permaneceu em silêncio.

Quando foi embora, olhou para cima mais de uma vez durante a descida da serra.

O velho tornou a cobrir o telescópio.

Não havia tristeza naquele gesto.

Algumas coisas deixam de servir ao trabalho sem deixar de ensinar o olhar.

Talvez seja por isso que certos lugares continuem esperando, mesmo depois que já não esperamos deles a mesma utilidade.

No fim da rua principal havia uma barbearia que conservava um grande espelho de moldura escura.

Diziam que ele estava ali havia mais de cem anos.

Muitos homens envelheceram diante dele.

Alguns apareceram ainda meninos.

Outros deixaram apenas uma fotografia esquecida na parede.

O barbeiro nunca comentava essas histórias.

Limitava-se a cobrir os ombros do freguês com o pano branco e aproximar a cadeira do espelho.

Enquanto trabalhava, quase não falava.

O silêncio nunca parecia constranger ninguém.

Numa manhã, um visitante perguntou se ele não pensava em substituir aquele espelho antigo por um mais moderno.

O barbeiro passou a mão sobre a moldura já gasta.

Sorriu discretamente.

— Este já aprendeu a olhar sem pressa.

O homem riu, imaginando tratar-se de uma brincadeira.

Quando o corte terminou, permaneceu alguns instantes

diante do próprio reflexo.

Não procurava o penteado.

Nem a barba.

Parecia apenas reconhecer alguém que havia chegado sem notar.

Ao sair para a rua, a cidade continuava a mesma.

Mas, pela primeira vez, caminhou sem consultar o relógio.

Talvez alguns espelhos não existam para mostrar um rosto.

Existam para devolver, por um instante, o tempo necessário para encontrá-lo.

Numa pequena cidade do interior havia um homem que afinava pianos.

Era um ofício raro por ali.

As pessoas imaginavam que seu trabalho consistia apenas em ajustar cordas.

Poucos percebiam o tempo que ele passava em silêncio antes de tocar a primeira tecla.

Chegava cedo.

Abria cuidadosamente a tampa do instrumento.

Permanecia imóvel por alguns instantes.

Como se escutasse uma música que ainda não existia.

Uma menina, durante sua primeira aula, perguntou por que ele demorava tanto para começar.

O afinador sorriu.

Não respondeu de imediato.

Pressionou suavemente uma única tecla.

O som percorreu a sala e desapareceu.

Só então falou.

— Antes de procurar a nota certa, preciso descobrir como

este piano aprendeu a errar.

A menina nunca esqueceu aquela frase.

Anos depois, já adulta, percebeu que também as pessoas desafinam de maneiras diferentes.

Algumas pelo excesso.

Outras pela ausência.

Quase todas sem perceber.

Talvez cuidar de alguma coisa nunca comece pela correção.

Talvez comece pela paciência de escutar aquilo que ela ainda tenta dizer

Numa rua estreita da cidade havia uma pequena sapataria.

O sapateiro trabalhava no mesmo banco de madeira havia mais de quarenta anos.

As pessoas lhe entregavam sapatos gastos, solas desprendidas, costuras abertas.

Quase sempre pediam que ficassem "como novos".

Ele apenas sorria.

Nunca prometia isso.

Primeiro limpava cuidadosamente o couro.

Passava os dedos sobre as marcas.

Observava o desgaste dos calcanhares, a curvatura da sola, os vincos que o tempo deixara.

Só então começava o conserto.

Certa manhã, um rapaz perguntou por que demorava tanto para reparar um par de botas antigas, quando seria mais fácil comprar outras.

O velho ergueu os olhos por um instante.

— Porque estes sapatos já aprenderam o caminho de alguém.

O rapaz olhou para as botas sobre a bancada.

Pela primeira vez, não viu apenas couro envelhecido.

Imaginou ruas, estações, esperas, despedidas.

Quando voltou uma semana depois para buscar o serviço, percebeu que os vincos continuavam ali.

As marcas não haviam sido escondidas.

Apenas voltaram a sustentar o passo.

Talvez algumas coisas não precisem recuperar a aparência do começo.

Basta que reencontrem a disposição de continuar caminhando.

Na margem do rio havia um homem que construía pequenos barcos de madeira.

Não os vendia.

Também não os guardava.

Quando terminava um, colocava-o cuidadosamente sobre a água e permanecia observando até que a corrente o levasse para além da curva.

Os moradores estranhavam aquele hábito.

Diziam que era desperdício.

Cada barco exigia dias de trabalho.

Madeira escolhida com cuidado.

Lixas finas.

Verniz.

Nenhum deles voltava.

Certa tarde, um menino perguntou por que não escrevia seu nome na embarcação.

O velho passou a mão pela proa ainda úmida.

Sorriu.

— Se ela encontrar alguém, não precisa saber quem a fez.

O menino acompanhou com os olhos o pequeno barco afastando-se lentamente.

Durante algum tempo ainda foi possível distingui-lo entre os reflexos da água.

Depois desapareceu.

O velho não demonstrou tristeza.

Começou a separar outra tábua.

Como se o desaparecimento fizesse parte do próprio trabalho.

Anos mais tarde, o menino já não morava naquela cidade.

Ao atravessar uma ponte distante, viu um pequeno barco de madeira preso entre os galhos da margem.

Não poderia dizer se era o mesmo.

Nem precisou.

Talvez algumas obras encontrem seu destino justamente quando deixam de pertencer a quem as construiu.

No fim da estrada de terra havia um velho moinho que já não moía trigo.

As pás continuavam girando quando o vento decidia passar pelo vale.

Ninguém dependia mais dele.

Mesmo assim, os moradores nunca permitiram que fosse derrubado.

Uma arquiteta, encarregada de um levantamento histórico da região, aproximou-se numa manhã de outono.

Mediu as vigas.

Fotografou as engrenagens.

Anotou a inclinação das paredes.

Antes de partir, perguntou ao homem que cuidava do lugar por que conservavam uma construção que já não produzia farinha.

O velho caminhou até uma das janelas abertas.

O vento entrou lentamente.

As pás começaram a mover-se quase sem ruído.

Ele esperou que completassem uma volta inteira.

Só então respondeu:

— Porque ainda sabe conversar com o vento.

A arquiteta sorriu.

Fechou o caderno.

Durante a descida da colina, percebeu que havia registrado medidas, datas e materiais.

Mas não encontrara um espaço onde pudesse anotar aquela resposta.

Na semana seguinte, voltou ao moinho.

Não para medir novamente.

Apenas para permanecer ali enquanto o vento fazia, mais uma vez, o velho mecanismo lembrar que algumas obras continuam vivas não pelo que produzem, mas pela maneira como ainda respondem ao mundo.

A casa permanecia fechada havia muitos anos.

O jardim crescera sem desenho.

O portão rangia sempre que o vento mudava de direção.

As crianças da vizinhança inventavam histórias sobre quem teria morado ali.

Ninguém sabia ao certo.

Numa manhã de primavera, uma mulher chegou com um pequeno molho de chaves.

Abriu o cadeado lentamente.

Empurrou o portão.

Entrou.

Os vizinhos imaginaram que começaria imediatamente a limpar o quintal, abrir as janelas, retirar os móveis antigos.

Ela não fez nada disso.

Caminhou de um cômodo a outro como quem procura reconhecer uma voz.

Abriu uma janela.

Depois outra.

A luz entrou devagar.

A poeira continuou onde sempre estivera.

No fim da tarde, fechou novamente a porta.

Nada parecia diferente.

Na semana seguinte voltou.

Levou apenas uma vassoura.

Na outra, um pano.

Depois, um vaso com flores.

A casa nunca voltou a ser exatamente como antes.

Também nunca permaneceu abandonada.

Talvez existam lugares que não pedem para ser recuperados de uma vez.

Peçam apenas que alguém aceite permanecer o tempo suficiente para que eles comecem, lentamente, a voltar a respirar.

O rio atravessava a cidade sem fazer curva alguma.

Quem passava pela ponte imaginava que ele fosse sempre o mesmo.

As crianças, porém, diziam o contrário.

Todos os verões encontravam uma pedra diferente junto à margem.

Às vezes aparecia um tronco.

Às vezes desaparecia um banco de areia onde costumavam brincar.

Um velho pescador ouvia essas conversas sem corrigi-las.

Numa tarde, um menino perguntou se o rio realmente mudava.

O homem lançou a linha na água.

Esperou que ela encontrasse a corrente.

Depois respondeu:

— Não sei.

Talvez sejamos nós que chegamos diferentes.

O menino olhou demoradamente para a superfície.

A água passava sem guardar a forma de nada.

Nem das nuvens.

Nem das árvores.

Nem da ponte.

Mesmo assim, refletia todas elas por um instante.

Anos depois, já adulto, voltou àquela mesma margem.

A ponte continuava ali.

O rio também.

Não conseguiu encontrar a pedra da infância.

Nem o banco de areia.

Permaneceu algum tempo olhando a corrente seguir seu caminho.

Talvez algumas paisagens nunca permaneçam iguais o bastante para serem lembradas.

Talvez seja exatamente por isso que continuem nos esperando.

A estrada de terra ligava duas pequenas cidades.

Não era a mais curta.

Também não era a mais bonita.

Mesmo assim, muitos moradores a preferiam.

Na primavera, as árvores projetavam sombras irregulares sobre o chão.

No inverno, a poeira levantava lentamente atrás dos carros.

Havia um trecho em que a estrada fazia uma curva suave em torno de um ipê antigo.

Um engenheiro comentou certa vez que seria mais eficiente cortá-la em linha reta.

Economizaria alguns minutos de viagem.

Os moradores apenas ouviram.

A curva permaneceu.

Anos depois, um ciclista parou justamente ali para descansar.

Sentou-se à sombra do ipê.

Bebeu um pouco de água.

Escutou o vento atravessar a copa.

Quando retomou o caminho, percebeu que não se lembrava mais da pressa com que havia saído de casa.

Talvez aquela curva nunca tivesse existido para retardar a viagem.

Talvez existisse para lembrar que alguns desvios não afastam o destino.

Apenas nos oferecem um lugar onde o caminho também pode respirar.

Todas as manhãs, antes de abrir a janela, uma senhora regava os vasos da varanda.

Começava sempre pelo mesmo.

Depois seguia lentamente até o último.

Nunca apressava a água.

Parecia esperar que cada planta terminasse de recebê-la antes de passar à seguinte.

Um vizinho perguntou certa vez por que não usava uma mangueira.

Seria mais rápido.

Ela olhou para o pequeno regador de lata já gasto pelo tempo.

Sorriu discretamente.

Não respondeu.

Na semana seguinte, o homem comprou um regador parecido.

Não porque tivesse mudado de opinião.

Apenas lhe pareceu estranho que a água pudesse conhecer velocidades diferentes.

Meses depois, encontrou a vizinha observando uma folha

recém-aberta.

Ela permanecia em silêncio.

Como se escutasse alguma coisa.

O homem aproximou-se.

Não havia flor.

Nem fruto.

Apenas uma folha que ainda guardava o brilho da manhã.

Os dois permaneceram ali durante alguns instantes.

Depois cada um voltou para sua casa.

Talvez existam gestos que nunca terminam quando a água alcança a terra.

Continuam, silenciosamente, na maneira como passamos a esperar que as pequenas coisas também tenham o seu tempo.

No fim da tarde, um homem costumava sentar-se diante da velha figueira da praça.

Não levava livro.

Nem jornal.

Apenas ocupava o banco de sempre.

As crianças atravessavam correndo o largo.

Os ônibus passavam.

As lojas fechavam uma a uma.

Nada parecia exigir sua atenção.

Mesmo assim, ele permanecia.

Certa tarde, uma menina aproximou-se e perguntou se não ficava entediado olhando sempre para a mesma árvore.

O homem ergueu os olhos até a copa.

Algumas folhas já começavam a amarelar.

Outras ainda conservavam o verde do verão.

Sorriu.

— Ela nunca chegou igual.

A menina acompanhou o olhar do velho.

Tentou descobrir o que havia mudado.

Não encontrou resposta.

Voltou a brincar.

No dia seguinte passou novamente pela praça.

Sem perceber, olhou primeiro para a figueira.

Havia uma folha a menos.

Talvez duas.

Sorriu sozinha e continuou caminhando.

Talvez existam mudanças que não pedem para ser vistas.

Basta que, um dia, aprendamos a voltar os olhos para o lugar onde elas acontecem silenciosamente.

Sobre a cômoda havia uma caixa de madeira.

Não era grande.

Também não possuía qualquer ornamento.

Durante anos permaneceu no mesmo lugar.

Quem visitava a casa raramente perguntava o que havia dentro.

A família também quase nunca a abria.

Numa tarde de chuva, faltou energia.

Sem televisão, sem rádio, sem pressa, uma neta pediu à avó que lhe mostrasse o conteúdo da velha caixa.

Lá dentro havia botões de tamanhos diferentes.

Um dedal de metal.

Algumas cartas dobradas.

Uma fita desbotada.

Uma chave cuja fechadura ninguém mais conhecia.

A menina perguntou para que servia aquela coleção de coisas sem utilidade.

A avó passou os dedos lentamente sobre a chave.

Sorriu.

— Hoje, talvez para nada.

Fechou a caixa com cuidado.

Nenhum objeto voltou ao lugar exatamente da mesma maneira.

A menina ajudou a organizá-los.

Quando terminou, percebeu que já não via apenas botões, cartas ou uma chave antiga.

Via o espaço que tantas mãos haviam reservado para que eles permanecessem juntos.

Anos depois, ao arrumar a própria casa, encontrou um pequeno objeto que já não lhe servia.

Por um instante pensou em jogá-lo fora.

Depois abriu uma gaveta.

Talvez algumas coisas não permaneçam porque ainda têm uma função.

Permaneçam porque continuam guardando, silenciosamente, a passagem de alguém por este mundo.

Todas as noites, antes de apagar a última luz da casa, uma mulher abria a janela da cozinha.

Não importava a estação.

No inverno, o ar frio entrava por alguns segundos.

No verão, apenas uma brisa atravessava a cortina.

Depois ela fechava a janela e ia dormir.

Ninguém sabia por quê.

Nem mesmo os filhos, que cresceram vendo aquele pequeno gesto repetir-se sem nunca perguntarem por ele.

Muitos anos depois, a casa ficou vazia.

A mulher já não morava ali.

Ao preparar a venda do imóvel, a filha voltou para retirar os últimos objetos.

Quando terminou, percorreu os cômodos apagando as luzes.

Ao chegar à cozinha, estendeu a mão para o interruptor.

Parou.

Sem pensar, abriu a janela.

A noite entrou lentamente.

Não havia vento.

Nem qualquer ruído diferente.

Apenas a escuridão ocupando, por um instante, o lugar da casa.

Ela permaneceu ali sem compreender o motivo daquele gesto.

Depois fechou a janela.

Apagou a luz.

Saiu.

Só na calçada percebeu que algumas heranças não cabem em fotografias, móveis ou documentos.

Continuam vivendo em gestos tão discretos que ninguém os ensina.

Apenas encontram, um dia, outra mão disposta a repeti-los.

No pequeno jardim da estação crescia uma roseira.

Não era especialmente bonita.

Também não produzia muitas flores.

Mesmo assim, o jardineiro nunca pensou em substituí-la.

Todos os anos ela florescia um pouco mais tarde do que as outras.

Enquanto o canteiro inteiro já exibia cores vivas, seus galhos permaneciam quase nus.

Os passageiros passavam sem lhe dar atenção.

Achavam que estava morrendo.

O jardineiro apenas continuava regando a terra.

Numa manhã de setembro, uma menina parou diante da roseira.

Olhou demoradamente para os galhos.

Depois perguntou:

— Ela esqueceu de florescer?

O homem sorriu.

Não respondeu.

Pegou o regador e continuou o trabalho.

Alguns dias depois, quando o restante do jardim já começava a perder as primeiras pétalas, a roseira abriu a sua primeira flor.

Depois outra.

E outra.

A menina voltou à estação naquela mesma semana.

Encontrou o canteiro diferente.

Sorriu para a roseira como se reencontrasse uma velha conhecida.

Não procurou o jardineiro.

Também não fez nenhuma pergunta.

Talvez algumas coisas não aconteçam tarde.

Apenas aconteçam quando finalmente encontram a sua própria estação.

Todas as tardes, a mesma janela permanecia aberta.

Dava para um quintal pequeno onde havia apenas um banco de madeira e uma árvore.

Quase nunca acontecia alguma coisa ali.

Às vezes uma folha caía.

Às vezes um gato atravessava lentamente o muro.

Na maior parte do tempo, o quintal parecia apenas esperar.

Uma senhora costumava sentar-se junto à janela depois do almoço.

Não levava livro.

Nem costura.

Apenas permanecia olhando.

Os vizinhos imaginavam que estivesse distraída.

Talvez estivesse.

Numa tarde de vento, uma folha desprendeu-se da árvore.

Não caiu diretamente no chão.

Primeiro descreveu uma volta lenta.

Depois outra.

Por fim, pousou sobre o banco vazio.

A mulher sorriu.

Foi um sorriso tão breve que ninguém o teria percebido.

No dia seguinte, a folha já não estava ali.

O banco continuava vazio.

A árvore permanecia exatamente no mesmo lugar.

Mesmo assim, ao abrir novamente a janela, ela olhou primeiro para o banco.

Como quem aprende que algumas esperas nunca dependem daquilo que acontece.

Dependem apenas da disposição de continuar olhando.

No fim do corredor da antiga casa havia um relógio de parede.

Há muitos anos deixara de funcionar.

Os ponteiros permaneciam imóveis sobre a mesma hora.

Mesmo assim, ninguém o retirava.

Todas as manhãs, ao abrir as janelas, o morador passava diante dele e levantava os olhos por um instante.

Nunca tentava acertá-lo.

Nunca comentava seu silêncio.

Apenas seguia o dia.

Um sobrinho, durante uma visita, perguntou por que conservava um relógio que já não marcava o tempo.

O homem olhou para a madeira escurecida pelo uso.

Passou a mão delicadamente sobre a moldura.

Depois continuou andando pela casa.

Não respondeu.

Na despedida, o rapaz voltou a passar pelo corredor.

Sem perceber, também levantou os olhos para o velho relógio.

Não procurava a hora.

Talvez procurasse outra coisa, embora ainda não soubesse o quê.

Ao fechar a porta, levou consigo a estranha impressão de que certos objetos deixam de medir aquilo para que foram feitos.

Ainda assim, continuam indicando um lugar onde alguma parte de nós insiste, silenciosamente, em voltar.

No alto da colina havia um banco de pedra.

Não fazia parte de nenhum parque.

Também não indicava um mirante.

Alguém o colocara ali muitos anos antes.

Quase ninguém sabia por quê.

De vez em quando, um caminhante interrompia a subida e sentava-se por alguns minutos.

O banco não oferecia sombra.

Nem conforto.

Apenas permanecia voltado para um vale onde o vento atravessava os capins antes de alcançar as árvores.

Numa manhã de outono, um homem chegou ao alto da colina trazendo uma pequena mochila.

Sentou-se.

Retirou uma garrafa de água.

Não fez mais nada.

Durante algum tempo observou as nuvens caminharem lentamente sobre o vale.

Depois levantou-se e foi embora.

Esqueceu a garrafa ao lado do banco.

Na semana seguinte voltou para procurá-la.

Ela continuava ali.

Ninguém a havia levado.

O homem sorriu ao recolhê-la.

Antes de descer, permaneceu mais alguns minutos olhando o horizonte.

Percebeu que, durante todos aqueles dias, imaginara encontrar apenas um objeto perdido.

Sem perceber, voltara em busca daquele silêncio.

Talvez existam lugares que nunca nos chamem pelo nome.

Ainda assim, aprendem discretamente o caminho da nossa volta.

Numa pequena cidade do interior, o carteiro conhecia os nomes antes dos números.

Percorria as mesmas ruas havia tantos anos que já não precisava consultar o caderno de entregas.

Sabia onde morava a professora aposentada, o marceneiro, a viúva da esquina, o menino que esperava notícias do pai.

As cartas diminuíram com o tempo.

Vieram os telefones.

Depois as mensagens que atravessavam o mundo sem tocar papel algum.

Mesmo assim, todas as manhãs ele continuava saindo com a bolsa pendendo do ombro.

Certa vez, uma moça perguntou se não se sentia sozinho levando tão poucas cartas.

Ele olhou para a rua ainda vazia.

Sorriu discretamente.

Não respondeu.

Naquela tarde, bateu à porta de uma casa antiga.

Uma senhora abriu devagar.

Recebeu um único envelope.

Antes de fechá-la, chamou o carteiro pelo nome e perguntou como andava a saúde da esposa.

Conversaram apenas alguns instantes.

Depois cada um seguiu seu caminho.

A carta cabia na mão.

A conversa, não.

Anos mais tarde, quando o carteiro já havia deixado o ofício, a moça lembrou-se daquela manhã.

Percebeu que ele nunca entregara apenas correspondências.

Levava consigo a delicada tarefa de fazer uma cidade continuar pronunciando o nome de seus habitantes.

Talvez algumas presenças permaneçam importantes não pelo que transportam.

Mas porque impedem, silenciosamente, que nos tornemos apenas endereços.

No fim da estrada havia uma pequena plataforma onde o trem já não parava.

Os trilhos permaneciam.

A estação também.

Apenas os horários haviam desaparecido.

De vez em quando, algum morador atravessava o lugar para encurtar o caminho até a cidade.

Quase ninguém permanecia ali.

Numa tarde de inverno, um menino encontrou um banco voltado para os trilhos.

Sentou-se.

Perguntou ao avô se algum trem ainda passava por ali.

O velho demorou a responder.

Olhou para a linha de ferro desaparecendo no horizonte.

— Passa.

Mas nem todos param.

O menino permaneceu escutando.

Durante alguns minutos, não se ouviu nada além do vento atravessando o capim.

Depois, muito ao longe, um breve rumor começou a crescer.

O trem surgiu.

Atravessou a estação sem diminuir a velocidade.

Em poucos instantes desapareceu novamente entre as árvores.

O menino continuou sentado.

Não parecia frustrado.

Também não esperava outra coisa.

Quando se levantou para ir embora, voltou os olhos uma última vez para os trilhos.

Talvez nem toda passagem exista para nos levar consigo.

Algumas apenas lembram que o mundo continua seguindo seu caminho, mesmo quando escolhemos permanecer um pouco mais.

No mercado da cidade havia uma banca de sementes.

Os sacos de pano permaneciam abertos desde cedo.

Milho.

Feijão.

Girassol.

Abóbora.

Cada um guardava um tamanho, uma cor, um peso diferente.

Um agricultor aproximou-se para comprar sementes de milho.

O vendedor mergulhou a concha no saco.

Antes de enchê-la completamente, deixou alguns grãos escorrerem de volta.

O homem observou aquele pequeno gesto.

Perguntou se não era desperdício.

O velho balançou a cabeça.

— Elas gostam de voltar.

O agricultor sorriu sem compreender.

Pagou a compra.

Foi embora.

Meses depois, caminhava por sua lavoura quando encontrou algumas espigas nascidas junto ao velho paiol, muito longe da área onde havia feito o plantio.

Provavelmente um saco mal fechado.

Talvez um pássaro.

Talvez o vento.

Nunca soube.

Parou diante delas por alguns instantes.

Não as arrancou.

Continuou caminhando.

Na colheita seguinte, percebeu que aquelas poucas espigas haviam amadurecido como todas as outras.

Nem melhores.

Nem piores.

Apenas haviam encontrado outro lugar para começar.

Talvez seja assim que algumas aproximações aconteçam.

Não seguem exatamente o caminho que imaginávamos.

Ainda assim, encontram discretamente a terra onde podem

florescer.

Na estrada entre duas pequenas cidades havia um homem que conhecia o nome das árvores.

Não era botânico.

Também não dava aulas.

Caminhava pelas mesmas margens desde a juventude.

Sabia onde floresciam os ipês primeiro.

Onde o perfume das laranjeiras chegava antes da primavera.

Onde um jequitibá antigo resistia sozinho no alto de uma colina.

Certa manhã, uma moça que fotografava a região pediu que ele lhe mostrasse as árvores mais bonitas.

O homem aceitou.

Andaram durante horas.

Ela registrou troncos, folhas, cascas, sombras.

Quando terminaram, agradeceu.

Disse que agora levaria aquelas árvores consigo.

O velho sorriu discretamente.

Não corrigiu a frase.

Antes de se despedirem, aproximou-se do jequitibá.

Pousou a mão sobre o tronco por um breve instante.

Depois voltou ao caminho.

A moça perguntou por que não tirava ao menos uma fotografia.

Ele olhou para a copa, onde o vento movia lentamente os galhos.

— Algumas lembranças preferem continuar crescendo onde nasceram.

Ela guardou a câmera.

Pela primeira vez naquele dia, permaneceu alguns minutos sem procurar um enquadramento.

Quando retomou a estrada, percebeu que havia conhecido menos uma árvore do que uma maneira diferente de permanecer diante dela.

Talvez nem tudo o que verdadeiramente encontramos precise ser levado conosco.

Às vezes basta saber que continua existindo, silenciosamente, no lugar onde sempre esteve.

Na entrada da cidade havia uma pequena praça onde três bancos permaneciam voltados para direções diferentes.

Quem chegava escolhia quase sempre o banco que olhava para a avenida.

Quem morava ali preferia o que ficava sob a sombra da sibipiruna.

O terceiro permanecia quase sempre vazio.

Estava voltado para um terreno aberto onde, à primeira vista, não havia nada para ver.

Um homem sentava-se ali todas as quartas-feiras.

Sempre no mesmo horário.

Nunca levava relógio.

Nem jornal.

Apenas permanecia.

Um adolescente que atravessava a praça para ir à escola perguntou-lhe, certa vez, por que escolhia justamente o banco de onde nada acontecia.

O homem voltou os olhos para o campo.

O capim movia-se lentamente.

Ao longe, algumas garças caminhavam entre a vegetação.

Depois de um longo silêncio, respondeu:

— É daqui que o vento chega primeiro.

O rapaz olhou na mesma direção.

Não encontrou nenhuma paisagem extraordinária.

Mesmo assim, antes de continuar o caminho, percebeu uma brisa tocar-lhe o rosto.

Sorriu sem dizer nada.

Nas semanas seguintes, passou algumas vezes pelo banco vazio.

Nem sempre se sentava.

Mas já não atravessava a praça com a mesma pressa.

Talvez existam lugares que não nos oferecem uma vista.

Oferecem apenas a possibilidade de perceber aquilo que, de outro modo, passaria por nós sem ser notado.

Na cozinha da casa havia um armário antigo.

As portas já não fechavam completamente.

Quando alguém as empurrava, permanecia um pequeno intervalo entre a madeira e a moldura.

Quase ninguém reparava nisso.

Uma mulher, porém, nunca batia a porta até o fim.

Apenas a encostava.

Seu neto perguntou certa vez por que ela não consertava o armário.

Ela aproximou-se.

Passou a mão pela madeira lisa, marcada por muitos anos de uso.

Depois abriu e fechou a porta lentamente.

Ela produziu um ruído leve.

Nem estalo.

Nem rangido.

Apenas um som breve.

— É assim que sei que a casa ainda está acordada.

O menino sorriu sem entender.

Continuou crescendo entre aqueles mesmos cômodos.

Anos depois, a casa ficou vazia.

Coube a ele organizá-la antes da venda.

Abriu gavetas.

Empacotou pratos.

Retirou os últimos livros.

Quando terminou, aproximou-se do velho armário.

Sem perceber, fechou a porta apenas até o ponto em que ela encontrava delicadamente a madeira.

O mesmo som atravessou a cozinha.

Permaneceu alguns instantes em silêncio.

Não lhe pareceu que estivesse ouvindo o armário.

Era a casa inteira que, por um breve momento, voltava a respirar.

Talvez existam lugares que não conservem apenas as marcas do tempo.

Conservem também os pequenos sons pelos quais aprendemos, sem saber, a reconhecer que ainda pertencemos a eles.

No fim da tarde, o varredor atravessava lentamente a praça.

Começava sempre pelo mesmo canto.

As folhas secas acumulavam-se junto ao meio-fio.

Ele não fazia movimentos largos.

A vassoura desenhava pequenos círculos sobre a pedra.

As crianças continuavam brincando.

Os casais atravessavam a praça.

Os pombos apenas se afastavam o suficiente para depois voltar.

Quase ninguém observava aquele trabalho.

Numa tarde de outono, um menino permaneceu sentado no banco enquanto o homem varria as mesmas folhas que o vento insistia em espalhar novamente.

Quando terminou, perguntou:

— Amanhã vai ter que varrer tudo outra vez?

O homem apoiou a vassoura no ombro.

Olhou as árvores.

Algumas folhas ainda balançavam nos galhos.

Sorriu.

— Espero que sim.

O menino não fez outra pergunta.

Na manhã seguinte, antes de ir para a escola, atravessou a praça.

Havia novas folhas sobre o chão.

O varredor ainda não havia chegado.

Pela primeira vez, aquele pequeno desarranjo lhe pareceu fazer parte da beleza do lugar.

Talvez existam trabalhos que nunca terminem.

Não porque fracassem.

Mas porque ajudam o mundo a continuar começando todos os dias.

Na pequena cidade havia um homem que pintava faixas de pedestres.

Chegava sempre antes do movimento aumentar.

Esticava cuidadosamente o barbante.

Media a distância.

Molhava o pincel na tinta branca.

Cada faixa parecia igual à anterior.

Ainda assim, ele nunca trabalhava com pressa.

Uma menina, parada na calçada ao lado da mãe, perguntou se não era cansativo pintar sempre as mesmas linhas.

O homem levantou os olhos.

Olhou a rua ainda vazia.

Depois continuou o trabalho.

Na manhã seguinte, as crianças atravessavam por aquelas mesmas faixas a caminho da escola.

Um casal empurrava um carrinho de bebê.

Um senhor caminhava lentamente apoiado na bengala.

Os carros diminuíam a velocidade.

As linhas permaneciam em silêncio sob todos aqueles passos.

Dias depois, uma chuva forte apagou parte da tinta.

Na semana seguinte, o homem voltou.

Esticou novamente o barbante.

Começou tudo outra vez.

Quem passava talvez visse apenas tinta sobre o asfalto.

Ele parecia enxergar outra coisa.

Como se cada linha não servisse apenas para indicar uma travessia.

Servisse para lembrar, discretamente, que algumas passagens continuam existindo porque alguém aceita redesenhá-las quando começam a desaparecer.

Na pequena cidade, o sino da escola tocava cinco minutos antes da primeira aula.

Não era o sinal oficial.

Era um costume antigo.

O porteiro puxava a corda sempre no mesmo horário, muito antes de os corredores se encherem de vozes.

Alguns alunos chegavam correndo.

Outros diminuíam o passo ao ouvi-lo.

Os professores já sabiam que ainda havia tempo para abrir um livro, terminar um café ou simplesmente respirar antes do começo da manhã.

Um diretor recém-chegado perguntou por que mantinham aquele toque, se o relógio de todos marcava a hora exata.

O porteiro olhou para o pátio quase vazio.

As primeiras crianças atravessavam lentamente o portão.

— O relógio avisa a hora.

O sino avisa a chegada.

O diretor não respondeu.

Nas semanas seguintes, passou a notar uma pequena mudança sempre que o sino ecoava.

As conversas continuavam.

Os passos também.

Mas havia um breve instante em que a escola inteira parecia reunir-se antes de começar o dia.

Ninguém dava ordens.

Ninguém chamava por ninguém.

Ainda assim, alguma coisa acontecia.

Anos depois, quando o velho porteiro se aposentou, perguntaram ao novo funcionário se manteria aquele costume.

Na manhã seguinte, cinco minutos antes da primeira aula, o sino voltou a soar.

Por um instante, o pátio pareceu reconhecer um som que nunca pertencera apenas a quem o fazia tocar.

Talvez algumas tradições permaneçam não porque resistam ao tempo.

Permaneçam porque, silenciosamente, continuam oferecendo às pessoas um lugar comum onde o dia pode começar junto.

No fim do quintal havia um banco voltado para uma pequena horta.

Não era um lugar de descanso.

Também não servia para vigiar o trabalho.

Um senhor costumava sentar-se ali todas as tardes, depois de regar a terra.

As alfaces permaneciam imóveis.

Os tomates ainda verdes.

As ervas balançavam apenas quando o vento atravessava o muro.

Um vizinho perguntou certa vez por que ele continuava olhando para plantas que pareciam não mudar de um dia para o outro.

O velho sorriu.

Não respondeu.

No dia seguinte, voltou ao banco no mesmo horário.

Permaneceu alguns minutos em silêncio.

Depois levantou-se.

Colheu uma única folha de manjericão.

Aproximou-a do rosto.

Respirou profundamente.

Só então entrou em casa.

O vizinho observava tudo da cerca.

Na tarde seguinte, sem saber exatamente por quê, também permaneceu alguns instantes diante da própria horta antes de começar qualquer trabalho.

Percebeu que havia um perfume que nunca notara.

Uma pequena flor entre as folhas.

Uma abelha pousando sem pressa sobre o alecrim.

Nada daquilo surgira naquele dia.

Talvez fosse ele quem chegasse diferente.

Desde então, compreendeu que cultivar não termina quando a água encontra a terra.

Às vezes, termina apenas quando alguém aceita permanecer o tempo suficiente para receber, em silêncio, aquilo que já estava sendo oferecido.

No pequeno cemitério da cidade havia um banco de madeira voltado para um ipê.

Durante quase todo o ano, ele permanecia apenas como uma árvore entre tantas outras.

No fim do inverno, porém, perdia todas as folhas.

Durante alguns dias parecia completamente seco.

Quem passava imaginava que não resistiria à próxima estação.

Uma senhora costumava sentar-se naquele banco todas as semanas.

Nunca levava flores.

Nem permanecia muito tempo.

Apenas ficava ali, olhando a árvore.

Certa manhã, um menino perguntou se ela conhecia alguém enterrado naquele lugar.

A mulher olhou para o ipê.

Depois para o banco ao seu lado.

Sorriu com delicadeza.

— Conheci.

O menino esperou que ela dissesse mais alguma coisa.

Ela não disse.

Na semana seguinte, o ipê amanheceu coberto de flores amarelas.

A senhora voltou.

Sentou-se no mesmo banco.

Permaneceu em silêncio por alguns minutos.

Quando se levantou para ir embora, uma flor desprendeu-se de um dos galhos e pousou suavemente sobre o assento onde ela estivera.

Ninguém a recolheu.

Durante toda a manhã, o banco permaneceu vazio.

E a flor continuou ali, como se, por um breve instante, a árvore tivesse decidido ocupar o lugar de quem costumava esperá-la.

Na entrada da antiga capela havia um degrau de pedra.

Era mais baixo no centro do que nas bordas.

Quem chegava pela primeira vez dificilmente percebia.

Os moradores da cidade já haviam deixado de notar.

Durante décadas, milhares de passos haviam atravessado aquele mesmo lugar.

Alguns apressados.

Outros lentos.

Alguns chegavam para uma celebração.

Outros para uma despedida.

A pedra jamais escolhera entre eles.

Recebia todos da mesma maneira.

Numa manhã de primavera, um menino passou a mão sobre aquela pequena concavidade.

Perguntou ao avô por que o degrau estava gasto.

O velho não respondeu imediatamente.

Também passou os dedos pela pedra.

Como quem reconhece um velho conhecido.

— Foi o tempo?

O menino insistiu.

O avô balançou a cabeça lentamente.

— Foram as pessoas.

Entraram na capela.

Quando saíram, o menino voltou a olhar o degrau.

Dessa vez não viu uma pedra.

Viu uma passagem.

Durante alguns instantes permaneceu imóvel antes de atravessá-la novamente.

Talvez existam lugares que não guardem lembranças.

Guardem apenas a delicada forma deixada pela passagem de muitas vidas.

E talvez seja isso que o tempo faça de mais silencioso:
não levar as coisas embora,
mas ensinar a matéria a recordar sem precisar de memória.

Na antiga estação de águas da cidade havia uma torneira de ferro que nunca fora retirada.

Já não abastecia ninguém.

A tubulação havia sido substituída muitos anos antes.

Mesmo assim, a velha torneira permanecia presa ao muro de pedras.

Os visitantes passavam por ela sem notar.

Uma criança, durante um passeio com a escola, aproximou-se e girou lentamente a manivela.

Nada aconteceu.

Tentou outra vez.

Silêncio.

A professora chamou o grupo para continuar a caminhada.

O menino correu para alcançá-los.

Antes de virar a esquina, olhou uma última vez para a torneira.

Na manhã seguinte, uma chuva longa caiu sobre a cidade.

A água escorreu pelas pedras do muro.

Durante algumas horas, pequenas gotas permaneceram suspensas na boca enferrujada da torneira.

Não vinham de dentro.

Vinham do céu.

Um homem que passava por ali parou por um instante.

Não tentou abrir a torneira.

Apenas observou uma gota crescer lentamente até desprender-se e cair sobre a terra.

Depois outra.

E outra.

Quando a chuva terminou, o ferro voltou ao seu silêncio.

Quem chegasse mais tarde encontraria apenas uma velha torneira presa a um muro antigo.

Talvez sem imaginar que, por uma manhã inteira, ela voltara a oferecer água ao mundo.

Não porque ainda cumprisse sua antiga função.

Mas porque a chuva encontrara nela uma outra maneira de continuar caindo.

Na praça da pequena cidade havia um chafariz que já não lançava água.

O tanque permanecia vazio havia muitos anos.

As crianças usavam sua borda como banco.

Os pássaros pousavam sobre a pedra aquecida pelo sol.

Quem chegava pela primeira vez imaginava que ele estivesse apenas esperando um conserto.

Os moradores já não esperavam.

Numa manhã de inverno, um restaurador veio fotografá-lo.

Caminhou ao redor da antiga fonte.

Anotou medidas.

Observou as rachaduras.

Quando terminou, guardou o caderno sem dizer se o chafariz voltaria a funcionar.

Antes de partir, aproximou-se do centro do tanque.

Havia ali uma pequena folha trazida pelo vento.

Ele a retirou cuidadosamente.

Nada mais fez.

Uma senhora que acompanhava o trabalho perguntou se valia a pena conservar uma fonte que talvez nunca voltasse a jorrar água.

O homem olhou demoradamente para a pedra.

Depois para a praça.

As pessoas atravessavam o largo sem diminuir o passo.

Uma criança sentou-se exatamente na borda do tanque para amarrar o cadarço.

Dois pardais pousaram onde antes caía a água.

O restaurador sorriu.

Não respondeu.

Foi embora.

A praça continuou exatamente como antes.

Talvez.

Mas, desde aquela manhã, parecia um pouco mais difícil dizer que o velho chafariz já não servia para nada.

No fim da rua havia um pomar antigo.

As árvores continuavam produzindo frutos todos os anos.

Mas ninguém mais se lembrava de quem as havia plantado.

Os mais velhos diziam um nome.

Os mais novos, outro.

Com o tempo, até a dúvida deixou de ser importante.

As crianças entravam pelo portão aberto.

Corriam entre as mangueiras.

Esperavam a primeira fruta cair antes de escolhê-la.

Numa tarde de verão, um professor levou seus alunos para conhecer o lugar.

Falou das espécies.

Da idade aproximada das árvores.

Da maneira como as raízes buscavam água no tempo da seca.

Quando terminou a explicação, uma menina perguntou:

— Quem plantou a primeira?

O professor olhou ao redor.

As copas balançavam lentamente.

Um fruto desprendeu-se de um galho e caiu sobre a relva.

Ele sorriu.

— Não sei.

A menina pareceu satisfeita.

Recolheu a fruta.

Partiu-a ao meio com as mãos.

Retirou a semente.

Depois a enterrou perto da cerca, sem dizer nada a ninguém.

Anos mais tarde, quem passasse por ali encontraria uma pequena árvore crescendo à margem do pomar.

Talvez imaginasse que sempre estivera ali.

Talvez nunca soubesse quem a plantou.

E isso já não faria diferença.

Algumas continuidades não precisam conservar o nome de quem as iniciou.

Basta que encontrem outra mão disposta a recomeçá-las, como se o mundo aprendesse a lembrar através dos gestos, e

não das assinaturas.

No alto do morro havia um pequeno cruzeiro de madeira.

Não era um lugar de romarias.

Nem de grandes celebrações.

Quem subia até ali quase sempre o fazia sozinho.

Alguns permaneciam poucos minutos.

Outros apenas tocavam a madeira antes de voltar.

Numa manhã de neblina, uma senhora iniciou lentamente a subida.

Parava de vez em quando.

Não por cansaço.

Parecia apenas escutar o silêncio que o nevoeiro espalhava sobre o vale.

Quando alcançou o alto, o cruzeiro quase desaparecia dentro da bruma.

Ela aproximou-se.

Passou a mão sobre a madeira úmida.

Depois sentou-se na pedra ao lado.

Não rezou.

Não falou.

Permaneceu ali enquanto, pouco a pouco, o sol começava a dissolver a névoa.

Primeiro apareceu a copa de uma árvore.

Depois um telhado.

Mais adiante, o desenho da estrada.

Por fim, toda a cidade voltou a existir diante de seus olhos.

A mulher levantou-se.

Olhou uma última vez para o vale.

Sorriu discretamente.

Na descida, a neblina já não estava lá.

Mas ela também já não era exatamente a mesma que iniciara a subida.

Talvez algumas paisagens não mudem diante de nós.

Talvez apenas aguardem o instante em que nosso olhar consiga atravessá-las.

Todos os anos, no começo do inverno, as andorinhas voltavam ao velho galpão da fazenda.

Ninguém sabia exatamente de onde vinham.

Apenas apareciam.

Primeiro uma.

Depois outra.

Em poucos dias, os fios sob o telhado tornavam-se novamente ocupados por pequenos ninhos de barro.

O caseiro nunca comentava o assunto.

Continuava varrendo o terreiro, consertando cercas, alimentando os animais.

Como se aquela chegada fosse apenas mais uma tarefa entre tantas outras.

Um menino que passava as férias na fazenda perguntou-lhe certa vez se eram as mesmas andorinhas do ano anterior.

O velho levantou os olhos.

As aves cruzavam o ar tão depressa que era impossível distingui-las.

Sorriu.

— Não sei.

Talvez seja o mesmo caminho.

O menino permaneceu olhando o céu por alguns minutos.

Tentou reconhecer uma delas.

Logo desistiu.

Quando voltou no inverno seguinte, encontrou novamente os ninhos sob o telhado.

Também não soube dizer se eram os mesmos.

Nem precisou.

Ao deixar a fazenda, olhou uma última vez para o voo desordenado das andorinhas.

Pela primeira vez percebeu que algumas coisas não retornam para repetir o passado.

Retornam apenas para lembrar que a vida conhece maneiras discretas de continuar.

No caminho para a escola havia uma cerca de arame.

Num de seus mourões, alguém pendurara uma pequena caneca de alumínio.

Não havia nome.

Nem corrente.

Nem qualquer aviso.

Apenas a caneca.

Os trabalhadores que passavam cedo costumavam enchê-la na mina que corria alguns metros adiante.

Quem viesse depois encontrava um pouco de água fresca.

Quando terminava, tornava a deixá-la no mesmo lugar.

Ninguém perguntava de quem era.

Também ninguém a levava embora.

Durante muitos anos, aquele pequeno gesto repetiu-se sem chamar a atenção.

Um rapaz que voltava à cidade depois de muito tempo estranhou encontrar a mesma caneca pendurada na cerca.

Já não sabia se era a mesma.

Talvez outra a tivesse substituído.

Aproximou-se.

Bebeu um pouco de água.

Enxaguou cuidadosamente o recipiente.

Encheu-o outra vez.

Antes de seguir viagem, pendurou-o exatamente onde o encontrara.

Ao caminhar pela estrada, percebeu que jamais descobriria quem colocara aquela primeira caneca ali.

Também compreendeu que isso já não importava.

Algumas gentilezas permanecem vivas justamente porque deixam de pertencer a alguém.

Continuam existindo enquanto encontram, de tempos em tempos, uma mão disposta a repeti-las sem esperar reconhecimento.

Na beira da estrada havia um velho poço de pedras.

Já não abastecia nenhuma casa.

A água encanada chegara havia muitos anos.

Mesmo assim, a tampa de madeira continuava sendo aberta de vez em quando.

Não para buscar água.

Apenas para olhar.

Um homem costumava parar ali durante suas caminhadas.

Afastava cuidadosamente a tampa.

Permanecia alguns instantes sobre o círculo escuro.

Depois a recolocava no mesmo lugar.

Certa manhã, uma menina que passava de bicicleta perguntou se o poço ainda servia para alguma coisa.

O homem sorriu.

Não respondeu.

Apenas retirou a tampa mais uma vez.

A menina aproximou-se.

Olhou para dentro.

A água permanecia muito abaixo.

Quase imóvel.

Durante alguns segundos, os dois ficaram em silêncio.

Então uma folha desprendeu-se de uma árvore próxima.

Desceu lentamente pelo ar.

Tocou a superfície da água.

Os pequenos círculos espalharam-se até desaparecerem contra a pedra.

A menina voltou a olhar para o homem.

Ele continuava sem dizer nada.

Fechou cuidadosamente o poço.

Os dois seguiram caminhos diferentes.

Na manhã seguinte, a menina passou novamente por ali.

Diminuiu a velocidade da bicicleta.

Não abriu a tampa.

Sorriu para ela como se cumprimentasse alguém.

E continuou o caminho.

No extremo da praça havia um canteiro de lavandas.

Não era grande.

Também não ocupava um lugar de destaque.

Quem atravessava a praça pela primeira vez quase sempre passava por ele sem notar.

Mas, nos fins de tarde, quando o calor começava a ceder, o perfume alcançava lentamente os bancos de madeira.

Não chegava de uma vez.

Apenas aparecia.

Um homem costumava sentar-se ali depois do trabalho.

Nunca olhava para as flores.

Permanecia voltado para a rua, observando as pessoas voltarem para casa.

Certa tarde, uma criança perguntou à mãe de onde vinha aquele cheiro.

Ela procurou ao redor.

Não encontrou nenhuma flor por perto.

Apenas respondeu:

— Deve ser do jardim.

Os dois continuaram caminhando.

O homem permaneceu sentado por mais alguns minutos.

Respirou profundamente.

Depois levantou-se e foi embora.

Na manhã seguinte, as lavandas continuavam no mesmo lugar.

Também na outra semana.

E na estação seguinte.

Quase ninguém lhes dirigia o olhar.

Mesmo assim, todas as tardes, o perfume atravessava discretamente a praça.

Sem escolher quem o receberia.

Talvez algumas presenças encontrem sua maneira mais completa de existir justamente quando deixam de pedir para ser vistas.

Basta que, silenciosamente, continuem oferecendo ao mundo aquilo que são.

Numa curva da estrada havia um banco de madeira.

Não era um ponto de ônibus.

Também não oferecia uma vista especial.

Apenas permanecia ali.

Quem caminhava por aquela região às vezes se sentava por alguns minutos.

Outras vezes apenas passava.

Ninguém parecia perguntar quem o construíra.

Numa manhã de inverno, um homem chegou carregando uma pequena sacola.

Sentou-se.

Comeu uma maçã lentamente.

Quando terminou, guardou o miolo no bolso.

Permaneceu mais algum tempo olhando a estrada vazia.

Depois levantou-se.

Antes de seguir viagem, passou a mão sobre o encosto do banco, como quem agradece discretamente uma companhia.

Foi embora.

No fim da tarde, uma mulher que regressava do trabalho sentou-se no mesmo lugar.

O banco conservava um pouco do calor deixado pelo sol.

Talvez também de outras presenças.

Ela permaneceu ali apenas o tempo suficiente para ouvir o vento atravessar os eucaliptos.

Depois continuou o caminho.

O banco ficou novamente vazio.

Como se soubesse que algumas permanências existem apenas para tornar possíveis os encontros que nunca chegam a acontecer.

Numa pequena cidade do interior havia uma ponte de madeira sobre um córrego estreito.

Não era antiga o bastante para ser lembrada.

Nem nova o bastante para chamar a atenção.

As pessoas simplesmente atravessavam.

De manhã, iam para o trabalho.

À tarde, voltavam para casa.

As crianças, porém, faziam outra coisa.

Paravam sempre no meio da ponte.

Apoiavam os braços sobre o corrimão.

Olhavam a água passar.

Não procuravam peixes.

Nem pedras.

Apenas acompanhavam o movimento da corrente.

Os adultos quase nunca faziam isso.

Tinham sempre alguma margem à espera.

Certa vez, um avô atravessava a ponte com o neto.

O menino parou, como todas as crianças faziam.

O velho também parou.

Durante algum tempo, os dois permaneceram olhando a água seguir seu caminho.

Nenhum deles disse palavra.

Quando voltaram a andar, já estavam do outro lado.

O córrego continuava correndo sob a ponte.

Como fizera antes.

Como faria depois.

Talvez existam lugares que não tenham sido feitos apenas para unir duas margens.

Talvez tenham sido feitos para oferecer, entre uma e outra, um breve lugar onde o olhar possa aprender a permanecer.

Numa rua tranquila da cidade havia uma casa de janelas sempre abertas.

Mesmo nos dias mais frios.

As cortinas eram brancas.

Muito leves.

Quase todas as tardes, o vento as fazia respirar para dentro e para fora da casa.

Quem passava diminuía o passo sem perceber.

Não havia música.

Nem vozes.

Nem qualquer movimento nos cômodos.

Apenas as cortinas.

Um carteiro, que atravessava aquela rua havia muitos anos, acostumara-se a procurá-las com os olhos.

Quando permaneciam imóveis, imaginava que o ar estivesse parado em toda a cidade.

Quando voltavam a mover-se, seguia o caminho com uma estranha sensação de alívio.

Nunca conheceu os moradores.

Talvez nunca os tenha visto.

Numa manhã de primavera, encontrou as janelas fechadas.

As cortinas já não apareciam.

Continuou andando.

No dia seguinte, as janelas estavam abertas outra vez.

O vento voltou a atravessar o tecido branco.

O carteiro sorriu discretamente.

Não porque alguma coisa tivesse mudado.

Mas porque havia reconhecido, mais uma vez, um pequeno movimento que nunca lhe pertencera.

Enquanto seguia pela calçada, as cortinas continuaram respirando sozinhas.

Como se algumas casas soubessem guardar, entre uma parede e outra, um pouco do ritmo invisível do mundo.

Ainda estava escuro quando a padaria acendeu a primeira luz.

Lá dentro, ninguém falava alto.

O padeiro espalhava farinha sobre a mesa.

Outro homem retirava do forno os primeiros pães.

O vapor subia lentamente antes de desaparecer no frio da madrugada.

Do lado de fora, a rua permanecia vazia.

Uma bicicleta encostava no poste.

Um cachorro atravessou a calçada sem parar.

Pouco depois, uma mulher aproximou-se da porta.

Não entrou.

Esperou.

Quando o primeiro pão foi colocado no cesto de madeira, o padeiro fez apenas um gesto com a cabeça.

Ela sorriu.

Entrou.

Alguns minutos depois saiu carregando um embrulho ainda quente.

Ao passar diante da igreja, desprendeu um pequeno pedaço de pão.

Um pardal pousou perto de seus pés.

Ela continuou caminhando.

O pássaro demorou um instante antes de recolher a migalha.

Quando o sol apareceu por trás dos telhados, a cidade já despertava.

Quem chegasse naquele momento encontraria apenas uma padaria aberta, uma rua comum e um dia começando como tantos outros.

O cheiro do pão, porém, já havia atravessado quase toda a vizinhança.

Depois da chuva, a praça permanecia vazia.

As árvores ainda deixavam cair pequenas gotas.

Os bancos escureciam lentamente sob a madeira molhada.

No centro do jardim havia um relógio de sol.

Durante toda a manhã ele não servira para nada.

As nuvens haviam escondido o céu.

Perto do meio-dia, uma abertura surgiu entre elas.

Um único feixe de luz atravessou o ar.

A sombra do ponteiro apareceu de repente sobre a pedra.

Primeiro curta.

Depois um pouco mais nítida.

Permaneceu apenas alguns minutos.

As nuvens voltaram.

O relógio tornou a perder sua sombra.

Quem atravessou a praça naquela tarde talvez nem percebesse sua existência.

A água continuava evaporando.

As folhas secavam lentamente.

No fim do dia, o relógio ainda ocupava o mesmo lugar.

Sem marcar o tempo.

Como se aguardasse, pacientemente, a próxima ocasião em que a luz resolvesse encontrá-lo.

Antes de amanhecer, o coreto da praça permanecia vazio.

As colunas de madeira ainda guardavam o frio da noite.

Não havia músicos.

Nem cadeiras.

Nem qualquer anúncio de festa.

Durante alguns minutos, ouvia-se apenas a água correndo na sarjeta depois da chuva.

Então, de uma das árvores próximas, surgiu o primeiro canto.

Era breve.

Logo outro respondeu, mais distante.

Depois um terceiro.

Sem que ninguém percebesse, a praça começou a encher-se de vozes invisíveis.

As janelas das casas continuavam fechadas.

O padeiro atravessou a rua levando uma caixa de pães.

Um varredor empurrou lentamente sua vassoura.

Uma bicicleta passou em direção à escola.

Os pássaros continuavam cantando.

Quando o sino da igreja anunciou as seis horas, muitos deles já haviam silenciado.

A cidade despertava.

O coreto permanecia vazio.

Quem chegasse mais tarde talvez pensasse que ali nada acontecera.

Sobre o telhado, porém, uma única pena balançava com o vento.

Como se a manhã, antes de começar para as pessoas, tivesse ensaiado discretamente a própria voz.

No quintal da antiga estação havia um varal.

Nenhuma roupa.

Apenas os fios estendidos entre dois postes de madeira.

Durante a madrugada, o orvalho cobrira cada um deles.

Quando o sol apareceu, as gotas começaram a brilhar.

Algumas permaneceram imóveis.

Outras deslizaram lentamente ao longo do arame.

Uma delas encontrou outra.

Formaram uma única gota.

Continuaram o caminho.

No fim do fio, desprenderam-se ao mesmo tempo.

A madeira escureceu por um instante.

Logo voltou à cor de antes.

O varal permaneceu vazio.

À tarde, o vento voltou a atravessar o quintal.

Os fios oscilaram quase imperceptivelmente.

Já não havia nenhuma gota.

Ainda assim, continuavam desenhando, entre um poste e

outro, uma linha que parecia sustentar apenas o espaço.

Quem passasse por ali talvez visse somente um velho varal.

O quintal, porém, conhecia outro modo de medi-lo.

Entre um fio e outro, o ar também aprendia a permanecer.

A chave permanecia na fechadura.

Do lado de dentro.

Era uma porta antiga.

Daquelas que ainda guardam um pequeno círculo de luz ao redor do metal gasto.

Durante a manhã inteira ninguém a girou.

O corredor permaneceu silencioso.

Pela janela do fundo, a claridade caminhava lentamente sobre o piso.

Ao meio-dia, alcançou a porta.

A chave brilhou por um instante.

Depois voltou a ser apenas ferro.

Quando a tarde chegou, uma corrente de ar atravessou a casa.

A chave oscilou quase sem ruído.

Não abriu.

Não fechou.

Apenas descreveu um pequeno arco e tornou ao repouso.

Ao anoitecer, a luz desapareceu do corredor.

A porta continuava fechada.

A chave continuava esperando.

Sem anunciar entrada.

Sem impedir saída.

Como se algumas coisas existissem apenas para lembrar que toda passagem começa muito antes de alguém decidir atravessá-la.

Sobre o muro de pedras crescia um pequeno musgo.

Quem passava pela rua dificilmente o via.

No verão, tornava-se mais verde.

No inverno, escurecia.

Depois da chuva, parecia ocupar toda a superfície.

Nos dias secos, encolhia discretamente entre as frestas.

Nenhuma dessas mudanças acontecia de repente.

A pedra permanecia.

O musgo também.

Apenas de maneiras diferentes.

Numa manhã, uma borboleta pousou sobre o muro.

Permaneceu ali o tempo de abrir e fechar as asas duas ou três vezes.

Depois seguiu seu voo.

O musgo continuou aderido à pedra.

A pedra continuou sustentando o musgo.

Ao fim da tarde, a sombra da figueira cobriu lentamente o muro inteiro.

Quando a noite chegou, já não era possível distinguir onde

terminava a pedra e começava o verde.

Nem havia razão para isso.

Na varanda da casa havia um sino de vento.

Era feito de bambu.

Muito leve.

Durante alguns dias permanecia completamente imóvel.

Então, sem aviso, uma corrente de ar atravessava o jardim.

As pequenas hastes tocavam umas nas outras.

O som durava pouco.

Logo desaparecia.

As folhas da jabuticabeira voltavam ao repouso.

As sombras permaneciam desenhadas no chão.

Quem estivesse dentro da casa talvez nem escutasse.

Quem passasse pela calçada talvez pensasse que ouvira outra coisa.

Ao longo da tarde, o sino voltou a soar duas ou três vezes.

Nunca da mesma maneira.

Quando a noite chegou, já não havia vento.

O bambu permaneceu suspenso na varanda.

Silencioso.

Como se o silêncio também fosse uma das formas pelas quais um sino continua tocando.

Na extremidade do jardim havia uma bica de pedra.

A água caía continuamente.

Nem forte.

Nem fraca.

Sempre da mesma altura.

Sobre a superfície do pequeno tanque formavam-se círculos.

Um surgia.

Outro o atravessava.

Logo desapareciam.

Uma folha seca desprendeu-se do plátano.

Pousou sobre a água.

Permaneceu alguns instantes girando lentamente.

Depois encontrou a corrente.

Atravessou o tanque.

Desapareceu entre as pedras cobertas de samambaias.

A água continuou caindo.

Os círculos continuaram nascendo.

As pedras permaneceram úmidas.

Quando o sol alcançou a bica, pequenas partículas de luz começaram a mover-se sobre a superfície.

Ao entardecer, elas já não estavam ali.

A água, sim.

Continuava descendo.

Sem conservar a forma de um único instante.

Sem deixar de ser a mesma passagem.

Na oficina fechada havia um relógio de parede.

Não marcava a hora.

Os ponteiros permaneciam imóveis sobre um mesmo minuto havia muitos anos.

As ferramentas continuavam penduradas.

A bancada guardava pequenas marcas de tinta e ferrugem.

Sobre um prego, um avental de lona conservava a dobra dos ombros.

Pela janela alta, a manhã entrava devagar.

A luz atravessava o vidro antigo.

Deslocava-se lentamente sobre a parede.

Durante alguns instantes, alcançava o mostrador do relógio.

Os números tornavam-se mais claros.

Depois a claridade seguia adiante.

No fim da tarde, o círculo voltava à penumbra.

Nada havia mudado.

Ainda assim, o dia inteiro passara por ali.

Na manhã seguinte, a luz faria exatamente o mesmo caminho.

O relógio continuaria parado.

E a oficina continuaria medindo o tempo por outra coisa.

No fundo da velha alfaiataria havia uma cortina de contas de madeira.

Separava a oficina do pequeno depósito.

Quando alguém passava, as contas se tocavam umas às outras.

O som era breve.

Logo voltava o silêncio.

Durante vários dias ninguém atravessou a cortina.

Ela permaneceu imóvel.

As contas alinhadas.

A luz da janela desenhava pequenas sombras sobre o chão encerado.

Perto do meio-dia, uma corrente de ar entrou pela porta da frente.

Não era suficiente para mover as cadeiras.

Nem os moldes de papel.

Apenas fez oscilar, quase imperceptivelmente, uma das contas.

Ela tocou a seguinte.

Depois outra.

Um único som percorreu a cortina.

Tão leve que parecia ter acontecido apenas na madeira.

Logo tudo voltou ao repouso.

À tarde, um raio de sol alcançou as contas.

Durante alguns minutos, cada uma delas devolveu a luz de um modo diferente.

Quando a claridade desapareceu, a cortina permaneceu exatamente onde sempre estivera.

Mas o silêncio já não parecia o mesmo.

Como se tivesse aprendido, por um instante, a atravessar a madeira.

Na varanda da antiga casa havia um vaso de barro.

Estava vazio.

Nenhuma planta.

Nenhuma flor.

Apenas o barro avermelhado, marcado por pequenas rachaduras.

Durante a madrugada, o sereno pousava sobre sua borda.

Ao amanhecer, a umidade fazia a cor escurecer lentamente.

Quando o sol alcançava a varanda, o barro voltava, pouco a pouco, ao tom de antes.

À tarde, uma lagartixa permaneceu imóvel sobre a parede.

Depois atravessou a borda do vaso.

Desapareceu do outro lado.

Nada ficou.

No fim do dia, uma folha seca caiu lá dentro.

Não cobriu o fundo.

Não produziu ruído.

Apenas repousou.

Ao anoitecer, o vaso voltou a ser apenas um vaso.

A folha permaneceu onde caíra.

Na manhã seguinte, o sereno encontrou os dois.

Sem distinguir o barro da folha.

No pomar, uma teia atravessava o espaço entre dois galhos.

Era tão fina que desaparecia quando o céu clareava.

Só voltava a existir quando a luz encontrava o ângulo exato.

Durante alguns instantes, cada fio sustentava pequenas gotas do orvalho.

Não pendiam.

Pareciam suspensas.

O vento passou devagar.

A teia cedeu.

As gotas oscilaram juntas.

Nenhuma caiu.

Pouco depois, o sol alcançou o pomar.

O brilho desapareceu primeiro.

Depois o orvalho.

Por fim, a própria teia tornou-se invisível.

Os galhos permaneceram onde sempre estiveram.

Uma folha desprendeu-se lentamente.

Atravessou o lugar onde, minutos antes, o desenho da teia

ocupava o ar.

Nada denunciava sua passagem.

O espaço continuava unindo uma árvore à outra.

Como se algumas presenças preferissem existir apenas no instante exato em que alguém aprende a vê-las.

Ao lado do galpão havia uma escada de madeira.

Permanecia encostada na mesma parede durante todo o ano.

Ninguém a utilizava naquela estação.

Os degraus conservavam a cor esmaecida do tempo.

Pela manhã, a sombra da escada caía inteira sobre a terra batida.

À medida que o sol subia, ela se estreitava.

Os degraus continuavam imóveis.

A sombra, não.

Descia lentamente pelo chão.

Ao meio-dia quase desaparecia junto à parede.

Durante a tarde, voltava a crescer.

Agora do outro lado.

Nenhum ruído acompanhava esse percurso.

Nem a madeira parecia participar dele.

Quando o sol se escondia atrás dos morros, a escada permanecia onde sempre estivera.

A sombra já não estava.

Na manhã seguinte, regressaria.

Não para repetir o dia anterior.

Mas para desenhar, outra vez, um caminho que nunca pertenceu à madeira nem à luz, e que existia apenas enquanto ambas aceitavam permanecer uma diante da outra.

No celeiro, uma janela permanecia entreaberta.

A madeira já não fechava completamente.

Por essa pequena fresta entrava a luz da manhã.

Durante alguns instantes, ela atravessava o interior em silêncio.

Então a poeira aparecia.

Não vinha de lugar algum.

Também não parecia cair.

Apenas permanecia suspensa.

Cada partícula seguia um caminho diferente.

Algumas subiam.

Outras desciam lentamente.

Outras pareciam não escolher direção alguma.

Quando uma nuvem cobriu o sol, tudo desapareceu.

A luz continuava ali.

A poeira também.

Mas já não podiam ser vistas.

Pouco depois, o céu tornou a abrir-se.

O feixe voltou ao mesmo lugar.

As pequenas partículas reapareceram.

Como se nunca tivessem deixado o ar.

No fim da manhã, a claridade atravessou a janela por outro ângulo.

O feixe desfez-se lentamente.

O celeiro tornou a guardar apenas madeira, ferramentas e silêncio.

O ar continuou cheio.

Sem precisar ser visto para permanecer ali.

No muro caiado, a claridade chegava antes do sol.

Primeiro um branco mais leve.

Depois um branco mais denso.

Aos poucos, a parede deixava de pertencer à noite.

Uma pequena rachadura atravessava a cal.

Dela brotava um fio de capim.

Durante horas, nada parecia acontecer.

Então uma nuvem passou.

A luz perdeu intensidade.

A parede tornou-se novamente opaca.

Pouco depois, o céu abriu-se.

A cal voltou a refletir o dia.

A rachadura permaneceu a mesma.

O capim também.

No fim da tarde, a sombra da própria parede caiu sobre si.

A rachadura desapareceu.

O capim desapareceu.

Restou apenas o muro.

Na manhã seguinte, a claridade chegaria outra vez.

Sem procurar o mesmo lugar.

Sem evitá-lo.

Como se toda superfície guardasse, silenciosamente, a medida exata da luz que ainda pode receber.

Ao lado da estrada havia um campo.

Nenhuma cerca o dividia.

Nenhum caminho o atravessava.

Apenas o capim.

Durante a manhã, o vento passava por ele sem conservar direção.

Primeiro uma pequena ondulação.

Depois outra.

Mais adiante, uma terceira.

O movimento não seguia em linha reta.

Também não permanecia no mesmo lugar.

Quando parecia desaparecer, surgia outra vez alguns metros adiante.

O campo nunca se movia inteiro.

Movia-se por aproximações.

Ao longe, quem observava tinha a impressão de que o vento podia ser visto.

Mas era apenas o capim tornando sua passagem visível.

Ao meio-dia, tudo voltou ao repouso.

As hastes permaneceram erguidas.

Nenhuma guardava a forma do vento.

No fim da tarde, ele regressou.

Não para repetir o primeiro movimento.

Nem para concluí-lo.

Apenas para continuar atravessando o campo.

Como se algumas presenças só pudessem ser reconhecidas enquanto passam.

NOTA DO AUTOR

Durante muito tempo imaginei que um livro fosse um lugar onde as ideias finalmente encontrassem repouso.

Escrevi estas páginas acreditando que, se observasse o mundo com suficiente atenção, um dia conseguiria alcançar uma forma definitiva para aquilo que insistia em escapar.

Aconteceu o contrário.

Quanto mais demorava o olhar, menos as coisas pareciam desejar uma conclusão.

Uma árvore não termina quando deixa cair a última folha.

Uma estrada não termina onde desaparece na curva.

Uma conversa continua trabalhando muito depois de encerrada.

Talvez um livro também.

As Atas nasceram da tentativa de acompanhar um pensamento enquanto ele ainda procurava o próprio caminho.

As Derivas surgiram quando percebi que o pensamento já não precisava permanecer dentro de mim. Bastava caminhar um pouco para encontrá-lo novamente, disperso entre pessoas, objetos, paisagens, silêncios e pequenos acontecimentos que nunca pediram para ser chamados de extraordinários.

Não procurei reunir exemplos.

Procurei permanecer próximo.

Se alguma unidade existe nestas páginas, ela talvez não pertença ao que foi escrito, mas ao intervalo que cada texto deixa para o seguinte.

É nesse espaço que o leitor entra.

E é ali que o livro deixa de ser meu.

Por isso esta não é uma despedida.

É apenas o lugar onde minha voz se torna desnecessária.

Daqui em diante, o que continua já não depende destas páginas.

Depende apenas do modo como cada olhar regressa ao mundo depois de fechá-las.

EPÍLOGO

Fecho este caderno.

Não porque tenha chegado ao fim.

Apenas porque toda página, depois de algum tempo, aprende que não pode continuar olhando no lugar do leitor.

Enquanto escrevia, imaginei que estivesse reunindo palavras.

Hoje penso que reuni pausas.

Elas ocupam mais espaço do que as frases.

Talvez seja nelas que alguma coisa permaneça.

Daqui em diante, as árvores continuarão perdendo folhas.

As padarias acenderão suas primeiras luzes antes do amanhecer.

O vento atravessará os campos sem conservar a própria forma.

Uma porta permanecerá fechada durante meses.

Uma pedra continuará sendo lentamente modificada por passos que jamais se encontrarão.

Nada disso começou neste livro.

Nada terminará com ele.

Apenas aconteceu de, por algum tempo, estas páginas caminharem ao lado dessas pequenas permanências.

Agora seguem caminhos diferentes.

Se um dia, ao diminuir o passo diante de uma janela aberta, de um muro antigo, de um banco vazio ou do silêncio inesperado de uma praça, você tiver a impressão de que alguma coisa está prestes a acontecer, não procure lembrá-la destas páginas.

Olhe novamente.

Talvez ela já estivesse ali muito antes de qualquer palavra.

Fecho este caderno.

O mundo permanece aberto.

O ângulo pertence ao leitor.